

Por uma epistemologia do estranhamento, ou como interpretar em situações de limiaridade¹

Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha²

RESUMO

Tomando como referência epistemológica efeitos provocados pela violência contemporânea, discursiva e midiaticizada, o artigo problematiza lugares possíveis a serem ocupados pelas teorias da comunicação diante da violência como fato social demarcado por incessantes processos de simbolização. Propõe, neste sentido, a possibilidade de uma narrativa sobre a violência que toma por inspiração o princípio lyotardiano da anamnese, defendendo, igualmente, sua localização em uma linhagem teórica ancorada no pensamento crítico. Propõe, finalmente, identificar dinâmicas de consumo cultural que, no Brasil, sinalizam reapropriações de cenas de violência, seja para afirmá-la, seja para contestá-la ou contrapô-la.

Palavras-chave: Violência; comunicação; consumo.

ABSTRACT

Taking as an epistemological reference the effects of contemporary violence, both discursive and mediated, the article focuses on communication theories, considering among other facts the symbolic forms with which social violence is constructed. It postulates, in this direction, the possibility

1 Este artigo retoma reflexões anteriormente desenvolvidas. As principais referências podem ser encontradas em Rocha (1998; 1998-2000).

2 Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com pós-doutorado em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).

of a narrative that takes for inspiration lyotard's principle of anamnese, defending, equally, its localization in the theoretical framework of critical theory. Finally, intends to identify some dynamics of cultural consumption that, in Brazil, signal re-appropriations of violence scenes, either to affirm or contest it.

Keywords: *Violence; communication; consumption.*

Apontamentos introdutórios

As preocupações de cunho epistemológico que norteiam este artigo remetem a dimensões específicas da trajetória acadêmica de sua autora. Retomo o recorte conceitual mais detidamente explorado em meu doutorado e, posteriormente, adensado em estudos de pós-doutoramento. Neste último, a natureza do conhecimento produzido e a embocadura específica suscitada pela temática explorada levaram-me a investigar dois eixos complementares: de uma parte, a constituição da violência como linguagem (e como forma de comunicação), atestando um modo de ser, estar e nomear o mundo vivido. De outra, a investigação de ações culturais que se voltavam ao enfrentamento e à ruptura da violência como fato social, considerando, para tanto, sua natureza cíclica e, na contemporaneidade, fragmentária, discursiva e midiaticizada.

Que fiquem claras, portanto, a natureza e as delimitações da contribuição que aqui se pretende oferecer. Trata-se de recuperar reflexões críticas acerca de minha própria escrita, buscando problematizar, desde os recortes teóricos adotados – a estetização e a linguagem da violência –, os possíveis impactos e o lugar ocupado pelas teorias da comunicação na abordagem contemporânea de tais fenômenos.

Tomando por base um fato social sobre o qual costumam pousar, construir-se e se confirmar imaginários sociais de formação difusa, efeitos abrangentes e submetidos a margens consideráveis de imprecisão (ou, antes, de contaminação entre o real e o suposto, o experimentado e o representado, o visto e o imaginado), lançamos à discussão questionamentos específicos acerca do lugar do saber científico e do arcabouço teórico da comunicação em tais situações de franca comoção sociocultural. Ainda neste sentido insistimos se tratar de preocupação epistemológica seminal, anterior e articuladora de opções metodológicas e filiações teóricas, apontando, mais do que para uma visão de mundo, para um “de onde” e como se olhar, um de onde e como se posicionar em relação aos objetos estudados. Respondendo, finalmente, ao campo do conhecimento em que se insere este artigo e esta pesquisadora, insisto na nuclearidade atribuída aos fenômenos da comunicação. Insisto, portanto, na

qualidade da interpretação aqui articulada, qual seja, aquela que parte de um arranjo interpretativo característico e específico das teorias da comunicação e, mais ainda, de um embate de natureza epistemológica muito intimamente relacionado a esse campo.

Aportes como esses não são de todo modo estranhos aos trabalhos que desenvolvo atualmente, especialmente no que diz respeito ao projeto de pesquisa “Imagens limiars e visualidades juvenis: por uma imagética do consumo”, sediado no Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. Também se relaciona a pesquisa internacional de que faço parte, voltada ao estudo de jovens urbanos³.

No primeiro caso, está presente a investigação de ferramentas metodológicas capazes de dar conta de análises imagéticas associadas a dinâmicas de consumo, matizadas, em países como o Brasil, por reapropriações e reações a um quadro social tenso, desigual e percebido como demarcado pela violência, seja como fato social, seja como produção simbólica. No segundo, dedico-me a articular análises iconográficas e de manifestações de violência, especialmente aquelas associadas ao protagonismo e à vitimização juvenis.

Cabe ainda mencionar hipótese investigativa que vimos perseguindo, ainda que, neste artigo, ela seja apenas suposta e pontualmente mencionada. Refiro-me à perspectiva, já bastante difundida, em especial junto a estudiosos latino-americanos, que localiza em práticas e hábitos de produção e consumo cultural, particularmente juvenis, possibilidades efetivas de enfrentamento de situações de violência, tanto simbólicas como reais.

Do corpo parte a epistemologia

Gostaria de iniciar com algumas provocações. A primeira delas é apresentada pelo sociólogo francês Löïc Wacquant⁴. Ao ser questionado so-

3 Pesquisa coordenada em conjunto com a professora doutora Sílvia H. S. Borelli, desenvolvida no Brasil desde 2001, no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, e apoiada na interface comunicação/antropologia.

4 Professor Associado do Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia (Berkeley) e do Centro de Sociologia Européia (Paris).

bre seu método de trabalho, argumentou que o concebia como parte de uma “sociologia carnal”, “uma sociologia não *do* corpo mas *com o* corpo, onde o corpo é tanto um objeto como um instrumento de conhecimento” (Wacquant 1996: 211-221).

O “saber somático” a que se refere Wacquant pode ser transposto para a análise do que seria uma “comunicação da violência” e, em contrapartida, do que pode ser uma localização possível dos discursos analíticos que sobre ela se elaboram. A contaminação dos sentidos manifesta em episódios de violência, seja na condição de vitimização, seja na de protagonismo, tem se tornado, com regularidade expressiva, uma preocupação de seus analistas, cientes do caráter arrebatador que de tais episódios pode emergir.

Afinal, como por sua vez lembra Wittner (1992: 53-59), “a imagem da violência cola à pele”, “ensinando aos jovens a linguagem que eles têm de utilizar para existir”. A violência assumida como modo de expressão, continua a autora, está de par com a midiaticização, aparecendo, para membros de grupos excluídos, como uma das formas mais imediatas de obter atenção⁵.

Michel de Certeau disse certa vez que, depois de episódios como os bombardeios ao Vietnã, tornava-se “derrisório *falar* da violência”. Paul Virilio passou quinze anos de sua vida viajando de barco, pelas costas da Europa, registrando em fotografias os vestígios deixados pelos alemães durante a ocupação. Hans Magnus Enzensberger exorciza em alguns de seus textos contemporâneos a dolorosa contaminação que os cenários da guerra – a passada e a presente – exercem sobre seu discurso.

Há algo em comum entre esses homens e as reflexões que elaboram. A análise da violência – e o olhar que dela emerge – é também uma análise crítica, compreendida na mesma direção teorizada por Paul Virilio (1993) em sua noção de “espaço crítico” – construto que chega a um estado de ebulição – relativizando, assim, posições filiadas a certo niilismo ativo, como encontrado, para citar um exemplo, em Kroker &

5 A autora analisa a violência simbólica e física nas *banlieues* (periferias) francesas.

Cook (1991), que definem a situação atual da teoria como sendo a de um “lugar de pânico”. Se o *déjà vu* que emerge das manifestações de violência contemporâneas corrobora esta conformação limítrofe, esse estresse constante e pulverizado, defendemos, contudo, ser ainda possível investidas analíticas que ultrapassem seja a paralisia, seja a reiteração do pânico e da indiferenciação.

Falar hoje de violência é constantemente um exercício de estranhamento e, por que não, de engajamento. Como, diante de sua esquizofrênica visibilidade, encontrar os olhos para ver, encontrar as palavras para dizer? Escrever sobre, analisar a violência significa, em muitos aspectos, traçar paralelismos com a produção estética, particularmente com aquela que se assume como processo anamnésico⁶.

A escrita, em tal situação, compreende um enfrentamento de performatividades, requer uma constante convivência com fantasmagorias. Assim articulada, assume-se como arqueologia dos vestígios, como *per-laboração*, como re-volver de uma estética do desaparecimento. Essa narração se faz em campo minado, sensível às explosões, mas atenta às armadilhas. O grande desafio é manter a capacidade de se espantar, sem, contudo, permitir que a estupefação deflagre o conformismo e a indiferença.

Representação, percepção e ficcionalidade

O discurso sobre a violência diagnostica um mal-estar. Nossa amnésia é das imagens, diria Baudrillard (1992). A violência vista é vivida como real, retrucaria Chesnais (1982). Talvez ambos nos falem, em últimos termos, do mesmo problema. Na era da simulação, da universalização do visível, analisar a violência é falar de esquecimentos, de vestígios do que ficou para trás – social, cultural ou imagetivamente obliterado. Anamnese como irrupção do esquecido, do jamais representado, mas também

6 A precisão do conceito de anamnese pode se dar em Lyotard, que define a anamnese como aquela na qual o “ad-vir advém como revir” (Lyotard 1996; 1994). A localização da anamnese nos processos de “desenvolvimento” científico encontra-se em Feyerabend (1977).

do hiper-representado para ser apagado, dizimado em seus mínimos vestígios.

A autonomização da violência, sua experimentação como potência estranha e misteriosa, interfere de modo devastador em discursos e comportamentos. Se sua leitura ou decodificação consiste em tarefa um tanto inglória para estudiosos da cultura e da sociedade, o seu impacto mudo e difuso é visto e vivenciado, sem maior esforço, em nossa realidade física e temporal. Com a crise das metanarrativas, ela pode se apresentar como forma privilegiada de comunicação, de organização de interesses e resolução sumária de conflitos, como parte constitutiva do dia-a-dia.

Tomando o exemplo de Freire Costa (1993), a “cultura da violência”, assumindo uma nova feição no Brasil, é aquela que, “no vácuo da lei”, “segue regras próprias”, tornando a violência um padrão de referência familiar, corriqueiro, cotidiano. Freire Costa procede à seguinte distinção: na banalização dos delitos e na amplificação dos riscos, floresce o medo social, “o pânico com características fóbicas”, capaz, por seu turno, de dar à palavra *violência* o status de “entidade”:

A violência torna-se um item obrigatório na visão de mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. [...] A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima. [...] Em segundo lugar, a cultura da violência, valorizando a utilização da força, constrói uma nova hierarquia moral. O universo social simplifica-se monstruosamente entre fortes e fracos (Freire Costa 1993: 84-85).

Em outros de seus desdobramentos, a violência se associa ao prazer, ao consumo e à criação de identidade, construindo, na interseção com o universo dos *media* e com aquele da criminalidade, a glória intensa e fugaz detectada pelo escritor brasileiro Zuenir Ventura (1994) ao historicizar as mutações da violência e da repressão policial na cidade do Rio de Janeiro.

Analisando o cotidiano de jovens envolvidos com o universo da violência criminal, tanto em condição de protagonismo como de referen-

cialidade possível, Ventura chama a atenção para fraturas simbólicas e embates territoriais que, nestes termos, passam a demarcar a vida urbana. Analisando especificamente o cotidiano e o imaginário juvenil, percebe a crescente busca e utilização de signos tortuosos de vitória e projeção. O fascínio da visibilidade e do reconhecimento ancorado – no estrelato midiático ou na força bruta da ação criminal – cria um inusitado *barômetro do sucesso*, material e simbólico: *ter e poder* (poder ter, poder fazer, poder falar, poder aparecer).⁷

Não serei a primeira a afirmar que há um “descolamento” – ou uma vinculação nebulosa – entre as idéias e opiniões sobre o caráter e a dimensão atual da violência e seu acontecer objetiva ou empiricamente aferível. Considerar este *gap* é o ponto de partida adotado em diversos estudos que vêm analisando as relações entre violência, cultura e os *media*.⁸

Parto do pressuposto de que à existência efetiva de manifestações violentas no espaço/tempo das grandes cidades não corresponde uma elaboração mental e conceitual do fenômeno imediatamente similar a aspectos concretos ou estatisticamente quantificáveis dele, fato reforçado pela ampla gama de manifestações que tem se encaixado na complexa definição da violência nas sociedades do final do século XX.

Os discursos, a percepção e a prática da violência estão hoje irreversivelmente marcados por um novo regime de organização e visibilidade. A violência, em nosso cotidiano, caracteriza-se progressivamente por assumir um caráter polimorfo, tanto em termos de sua percepção como em termos de sua realização.

A violência em suas conformações socioculturais instaura um regime – visual e social – extremamente flexível, permeável às mais diversas comutações, viral, obsceno. Diz respeito, ainda, à mobilização da sensibilidade e ao desejo de visibilização que envolve a forma de aparecimento e organização de fenômenos coletivos de violência – linchamentos, conflitos entre torcedores, grupos de carecas e neonazistas – levados a cabo

7 A relação que, neste sentido, se estabelece entre consumo e criminalidade merece um estudo à parte, estando neste momento apenas esboçado.

8 Ver, a esse respeito, Wiewiorka (1996: 329-354).

com toques rituais, coreográficos e com presença peculiar no espaço público e midiático. A ficcionalização da violência não está apenas nas salas de cinema ou nas telas de tevê. Ela mora ao lado.

Tal estetização não possui, em si, um caráter estritamente desviante. Portadora de estética própria é, por exemplo, a coreografia presente em parte das ações policiais. Na invasão em massa, na excitação incontrolável que resultou no trágico massacre do Carandiru⁹, não é correto postular que, ao lado da autonomização da violência, havia uma mobilização intensa de sensibilidades?

Essas manifestações violentas aproximam-se – em recortes específicos – das noções de “violência auto-referente” e “violência estetizada”. Há uma tendência auto-explicativa nesses fenômenos vividos aos moldes de uma arte pela arte; a violência pela violência dispensa relatos legitimadores a ela exteriores. Ela é sua própria justificativa, fala por si, explica-se em seu acontecer fenomênico e endógeno.

Implicações da estetização da violência

As formas de violência marcadas por um caráter anômalo e/ou estetizado permitem que se façam associações. Vou localizar dois pontos nodais desse argumento: o papel decisivo dos *media* na estruturação de nossas vidas; e o papel decisivo da violência auto-referente na organização de relações de comunicação e de sociabilidade. Acredito que tais vetores encontram-se, atualmente, em estado de contigüidade ou simbiose.

No caso da violência veiculada por meio dos *media*, as informações são reprocessadas, transformadas em imagens/sons peculiares. A capacidade de reverberação da televisão – amplificando e visibilizando os relatos cotidianos, preenchendo de imagens o que no rádio era apenas som, dando movimento às fotografias e voz ao texto de jornais e revistas – cria certo *continuum* midiático.

⁹ Complexo penitenciário, foi a maior prisão de São Paulo, atualmente desativada e transformada em espaço cultural. A invasão policial ocorreu em 1992, para conter uma rebelião. Nesta ação aterradora, o “saldo” da destruição foi inigualável: 111 pessoas mortas, grande parte executada sem esboçar reação.

Falar dos *media* é falar desta lógica comum, circular e tautológica, irradiada pela penetração ostensiva da televisão em milhares de domicílios. A velocidade e a pluralidade da linguagem televisiva tornam as imagens/sons de violência mais pulsantes, mais urgentes, mais presentes. Se este estado de televisualização constante da violência pode ocasionar um desgaste, um arrefecimento das sensibilidades, não tem eliminado a atração, ainda que com altos e baixos, por programas violentos, sejam eles jornalísticos, de entretenimento ou mesclando traços ficcionais e documentais. Mas não se trata de mero acaso o fato observado de que algumas das cenas mais chocantes de violência exibidas nas tevês brasileiras tenham sido realizadas por cinegrafistas amadores ou flagradas por câmeras ocultas.

Tornar a “violência pura” ficção pareceria, até há poucos anos, uma irrealdade para boa parte das produções jornalísticas. Agora, a violência assume-se como espetáculo, não mais como espetáculo do real, mas supondo a própria teatralização deste real, um real que já é profundamente performático, estetizado, vivenciado, ainda que de maneira angustiada, como uma grande fábula.

Seguindo lógica similar à dos *media*, o agir violento, e alguns dos discursos que o analisam, tornam-se tautológicos: é-se violento porque a sociedade é violenta; é-se reativo pela necessidade de se defender contra a violência; cresce a impunidade porque a sociedade é violenta; a sociedade é violenta porque cresce a impunidade etc.

A apreensão da violência por meio de imagens, se não escapa de uma lógica da sedução e do arrebatamento, confere curiosa atribuição ao nosso “estoque” imagético. Cada peça adquirida perde imediatamente seu peso ou valor individual quando é inserida na “coleção”.

Não costumamos hierarquizar com muita facilidade as “imagens da violência”. Parece ser mais comum atribuir a essas imagens valor relacional, como se cada uma fosse, na verdade, parte de um quebra-cabeça, fração de um mosaico que, a despeito de sua capacidade constante de aglutinação e reestruturação, de seu fracionamento, se apresenta como unidade.

Apesar de seu caráter polissêmico, as imagens de violência têm, em determinados casos, contribuído para a construção de uma nomenclatu-

ra unívoca ou com conotação universalista da violência contemporânea, englobando nessa temática visões de mundo, discursos e comportamentos extremamente diversificados. Estes, por sua vez, não se caracterizam, necessariamente, pela remissão, seja a essa pluralidade, seja a esse fundamento comum.

Nas culturas da violência, a inventividade, o papel criador do inesperado, já não parecem nos trazer alento. Microscopicamente, novamente germina o endurecimento da exclusão, o rosto embrutecido de um tempo de intensidade e apatia. Mas talvez não sejam relativamente poucos os que possam, como o *rapper* americano Coolio, declarar:

Minha mãe me criou muito bem. Mas você cresce no gueto, e pode acreditar que tudo que você já ouviu falar sobre lá é verdade. Então, quando eu estava no colegial, caí no caminho errado. Drogas, roubo, briga. Eu assaltava casas. As coisas que eu vi e fiz, era para estar até hoje na cadeia ou morto. Mas acordei para o caminho certo, pela música [...]. Conheci algumas pessoas que faziam rap e resolvi tentar por mim mesmo. [...] Não é o rap que faz o mundo ser ruim, é o mundo que faz o mundo ser ruim.¹⁰

Serão possíveis licenças poéticas?

O incômodo que procede da associação entre as idéias de cultura e de violência levam-me à seguinte proposição. Pelos atalhos da linguagem, vislumbro como definição possível exatamente aquela de “linguagem da violência”, que, como toda linguagem, pode ter “função poética”, o germe de uma *poiesis* das reminiscências. *Rappers* como Coolio ou, para nos aproximarmos mais diretamente do Brasil, como os integrantes do Câmbio Negro, do Pavilhão 9, incorporam, em suas canções, o duplo movimento de retomar a palavra e, no campo da cultura, de se “descolar” da engrenagem da violência como ato social, ao menos no que toca à participação ativa nesta ação. Aqui, o descolamento não equivale à negação da violência vivida, sequer da violência vista. Representada

10 Entrevista a Camilo Rocha, *Folha de S.Paulo*, 1/5/97.

(musicalmente, imagetivamente), ela não é esquecida: é rememorada, mas, igualmente, abstraída. Estetizada, comunica-se como choque, mas, igualmente, dá-se a ver. E, àqueles que a produzem, possibilita interessante inversão da sedução voyeurística do “ver-se sendo visto”.

A linguagem da violência, por essa via poética que não elimina a estética do choque, pode funcionar como *perlaboração* produtiva da violência real, um revisitar e uma reelaboração de sítios simbólicos e memoriográficos marcados pela obliteração social traumática. Exemplo especialmente sugestivo de tal situação vem-me do grupo paulistano de rap Racionais MC's. Em seu disco *Sobrevivendo no inferno*, os *rappers* compõem uma música – “Diário de um detento” – e, posteriormente, produzem um videoclipe, baseados nos fragmentos do diário de um dos sobreviventes do massacre do Carandiru. As reminiscências de um circo de horror torna-se hit nacional. E, assim, o esquecido, o imagetivamente, simbolicamente ocultado, se reinscreve no imaginário ou, mais ainda, na *imagerie*¹¹ de vários setores do país.

Acreditar nessa possibilidade não significa, contudo, uma licença ingênua, um sorridente apaziguar de um quadro que é tenso e conflituoso. Recorrendo ao polêmico René Girard, noto, compondo uma das faces obscuras da “linguagem da violência”, as estruturas miméticas da rivalidade. Considerar, portanto, que essa linguagem nem sempre é um sistema fechado, absoluto, não permite que se fechem os olhos para o teor dos espaços outros com os quais ela se põe em contato.

Verdade da investigação e investigação da verdade

Essa teia de provocações presta-se a um claro objetivo. Tomo-os como magma crítico a problematizar o lugar do texto acadêmico – no meu

11 Compreendida como imaginário composto de representações imagéticas: o estoque imagético, a coleção de imagens, de representações, ou, indo além, o conjunto de simulações que atestam rupturas com o referente. Brissac Peixoto refere-se à *imagerie* como parte de um processo de ficcionalização imagética do real, conversão do real em paisagem, figuras de ficção: “conversão de todas as coisas num cinematismo de imagens espectrais” (Peixoto 1987).

caso articulado às teorias da comunicação – diante de fenômenos tão paradigmáticos da articulação, às vezes simbiótica, entre meios de comunicação e sociedade.

Para tomar o exemplo benjaminiano¹², tratar-se-ia realmente de adotar a escrita como percurso e como registro do percorrido e, já aqui fazendo a “religação” fundamental, da própria narração como sendo parte do olhar. O percurso do narrador-caminhante-escrutinador fala-nos de uma escrita que é também inscrição, fala-nos de um caos que é “amparado” e absorvido, fala-nos, acima de tudo, de um exercício de descontinuidade. Reconstrução incessante, não só do espaço, mas também do sentido.

Como certa vez postulou Lyotard,

não podemos não nos escutar escrevendo. Escutar-se é escutar o rumor da tropa das palavras em debandada. Não podemos ouvir um pensamento que vem se não escutarmos esse rumor, o rumor de onde vem o pensamento e por onde ele vem, de onde ele sai e onde ele tenta entrar (Lyotard 1996).

Sou radicalmente contrária a uma proposta metodológica que neste caso se valha de uma “cristalização” de conceitos; posturas deste gênero desconhecem que conceitos portam alta dose de arbitrariedade, devendo ser lidos e adotados do ponto de vista da sua não-estabilidade. Como disse certa vez Niels Bohr, os resultados de uma pesquisa são sempre pontos de partida para novos estudos.

Proponho que, ao lidar com tais argumentos, coloquemos em contraplano ao desencanto uma estratégia de reflexão que tome por horizonte epistemológico a caracterização do “saber crítico”, noção intencionalmente ambígua, visto que comporta não só a crítica a um projeto triunfalista de Razão e de Verdade, mas igualmente a “localização” da produção do saber em termos de uma zona limítrofe, tensa e residual.

A metodologia pluralista defendida por Paul Feyerabend (1979), este filósofo das ciências que preferia ser lembrado como um dadaísta irreve-

12 Ver Benjamin (1985; 1987; 1989).

rente a como um anarquista sério¹³, ajuda-nos nesta tarefa, ao reivindicar o caráter demasiado humano da produção do saber e, por suposto, da própria racionalidade:

parece-me que uma atividade cujo caráter humano pode ser visto por todos é preferível a uma atividade que se afigura “objetiva” e inacessível às ações e aos desejos humanos. As ciências, afinal de contas, são nossa própria criação, incluindo todos os severos padrões que elas parecem impor-nos (Feyerabend 1979: 281).

Sem incorrer nos riscos de aventuras irracionalistas, nosso dadaísta entende, pois, que é adequado devolver as teorias a sua condição de vulnerabilidade e os “cientistas” a sua modesta posição, introduzindo novas linguagens de observação e reconhecendo que “os conceitos, como os objetos da percepção, apresentam ambigüidades [...] [e seu conteúdo] é também determinado pela maneira como ele se relaciona com a percepção” (idem: 111).

Convidando-nos a ver o mundo através de óculos multifocais, Feyerabend estimula-nos, em últimos termos, a pagar um preço pela liberdade, a fazer escolhas, a construir peculiares esquemas ordenadores de forma livre e experimental, a engendrar nosso conhecimento reconhecendo que os objetos (eventos, “fatos”) possuem uma linguagem própria e tendo como horizonte o que ele posteriormente chamaria de “adeus à Razão”:

O racionalismo não introduziu ordem e sabedoria onde antes havia caos e ignorância; ele introduziu um tipo especial de ordem, estabelecida por procedimentos especiais e diferentes da ordem e dos procedimentos das tradições históricas (idem: 118).

Essa condição de incerteza e constante reavaliação que envolve e estimula o processo decisório da produção do saber (seja ele científico ou cotidiano) é pressuposto do qual partilho. A defesa da flexibilização

13 “Um dadaísta está convencido de que uma vida mais digna só será possível quando começarmos a considerar as coisas com leveza e quando afastarmos de nossa linguagem as expressões enraizadas, mas já apodrecidas, que nela se acumularam ao longo dos séculos (‘busca da verdade’; ‘defesa da justiça’; ‘preocupação apaixonada’ etc.)” (Feyerabend 1979: 26).

e do caráter contingente da investigação não significa, cabe insistir, que não se façam opções, que não se escolha este e não outro caminho. Ao adotar tal postura insisto sobretudo no que Feyerabend definia como o caráter não estável dos conceitos, elucidados ora por uma, ora por outra teoria.

É também, desse ponto de vista, que nos perguntamos sobre o “lugar” da palavra na atualidade. Defendemos, já foi dito, que seu lugar é aquele do tensionamento entre a hipervelocidade e o recuo, o entrechoque da instantaneidade e da lentidão. A palavra, em tempos da hipervelocidade e da fragmentação, pode, ela própria, ser experimentada como exercício de “estranhamento”.

Dialogando com Peter Sloterdijk (1998), crítico dos dilemas da cultura e dos processos de dilaceramento do e no mundo, vemos que para superar o mal-estar planetário é preciso não somente desarmar-se das idéias de certeza. Neste caso, estetizar a cultura é necessário, mas por uma estética do choque, que torne mais estratégicas as dissonâncias. Tratar-se-ia, ele sugere, de uma submersão crítica capaz de problematizar os parâmetros, ora em voga, de intensificação do sensível e da sensibilidade.

A experiência estética, tomada deste ponto de vista, implica, nas palavras do autor, movimentar-se no cerne do insuportável procurando, ao mesmo tempo, aliviá-lo. Busca-se, na crítica da razão cínica e no “estranhamento” cognitivo e existencial postulados por nosso autor, uma ética da existência, uma narrativa da impaciência, da inquietude, da descontinuidade e da bricolagem. A ciência combativa de Sloterdijk assume como metodologia que a verdade da investigação não é a investigação da verdade.

Retomo, como último comentário, a condição de possibilidade que identifiquei na linguagem de alguns *rappers*. Assumindo que foram criados na *linguagem da violência*, que ela lhes conformou a vida, as relações de sociabilidade, a transformam em recurso simbólico, desvencilhando-se do ciclo da violência como ato social. Enxergo aqui possibilidades, similares à que vislumbra Paulo Giandalia ao descrever a experiência de um ex-garoto de rua que, sonhando em ser fotógrafo,

comprara, em parcelas, uma câmera, registrando cenas do cotidiano que tão bem conhecia¹⁴:

Na rua desde os 8. Desde os 4. Desde os 2 anos? Caso de polícia, número de estatística, uma probabilidade. Duarte Pereira é o nome da mãe. Ele sabe do pai? Ele tem? Nenhuma certeza [...]. Certeza aos 17: mudar o destino de bicho acuado, bicho morto. Comprou uma máquina fotográfica em 6 vezes de R\$ 56,00 nas Casas Bahia. Automática, zoom 35-80mm. Podia ter sido um walkman no Mappin aos 17. Deveria ter sido um revólver calibre 32 aos 12. Um som de 100 watts roubado aos 11... Poderia ter sido. Ele é Antonio Leonardo Duarte Pereira, o fotógrafo amador. Ex-garoto de rua, sobrevivente da turma que não está preso ou morreu. Porque decidiu. A certeza de que temos possibilidades.

Vejo também problemas: o envolvimento criminal de “estrelas” do *gangsta rap* exemplifica, em terras norte-americanas, um deles; a limitação das alternativas de “sucesso”, se se pensar em termos exclusivamente econômicos, pode ser outro. A pedagogia desta linguagem, em sua dimensão molecular e naquela molar, endurecida, deve ser olhada de frente. Mesmo se, por algum tempo, o que se encontre seja uma cadeia infundável de novas perguntas. Fazê-las, consciente da inserção de quem pergunta no quadro sobre o qual indaga, pode ser um primeiro passo.

Analisei neste *paper* a correlação entre dois aspectos. De um lado, o que identifico como sendo uma formatação da violência na atualidade, marcada por uma nova ordem visual e por uma presença difusa e disseminada no tecido social. Relacionei esta conformação a determinados conceitos, em especial aqueles de violência estetizada e auto-referente. Discuti ainda as interfaces e simbioses que são, no caso da violência, estabelecidas entre os *media* e a sociedade e questionei-me sobre a intensa mixagem (factual/documental, visível/suposto) que compõe a percepção da violência.

¹⁴ Sobre a experiência deste garoto e para se conhecer alguns resultados de pesquisa inédita desenvolvida pela Faculdade de Saúde Pública da USP sobre menores de rua e seus familiares, consultar a *Folha de S.Paulo*, caderno “São Paulo”, 19/10/1997.

A esse quadro conceitual articulei um questionamento de cunho epistemológico: qual o lugar da ciência e das teorias da comunicação na análise de quadro tão complexo e polissêmico? Propus, finalmente, uma condição de possibilidade, encontrada por uma via estético/filosófica: assumir a estética do choque e a anamnese como estratégias possíveis de posicionamento.

Ao finalizar esta escrita sou novamente capturada pela eclosão de potente narrativa do medo que ocupou, com impressionante regularidade, o cotidiano da cidade em que vivo. Trata-se de uma mais nova ameaça de ação “tática” de potente organização da criminalidade organizada que, há bem pouco tempo, fez São Paulo, a cidade que nunca pára, a locomotiva do país, recolher-se amedrontada e indignada. Essa organização, cujo nome recuso-me a propagandear neste artigo, de fato desmente hipóteses que defendi neste trabalho, embora confirme cabalmente outras tantas. Hábil manipuladora das narrativas do medo e da comunicação da violência, está longe, contudo, de ser uma violência auto-referente, posto que obedece a claro projeto. Mas, por sua vez, domina com assustadora desenvoltura os meandros da estetização. Sua ação de cunho terrorista e espetacular apropria-se, com perverso brilhantismo, da lógica, de todo modo frágil, das sociedades da televigilância e da suspeição.

Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papyrus, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I, II e III*. São Paulo: Brasiliense, 1985; 1987; 1989.
- CHESNAIS, Jean-Claude. *Histoire de la violence*. Paris: Robert Lafond, 1982.
- FEYERABEND, Paul. “Consolando o especialista”, in LAKATOS, Imre (org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1979.
- _____. *Contra o método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- _____. *Farewell to reason*. Londres: Verso, 1987.

- FREIRE COSTA, Jurandir. "O medo social", in *Veja 25 anos: reflexões para o futuro*. São Paulo: Abril, 1993.
- KROKER, Arthur & COOK, David. *The postmodern scene: excremental culture and hyper-aesthesia*. Montreal: New World Perspectives, 1991.
- LYOTARD, Jean-François. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papirus, 1996.
- . *Heidegger e "os judeus"*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenários em ruínas: a realidade imaginária contemporânea*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ROCHA, Rosamaria L. Melo. *Estética da violência: por uma arqueologia dos vestígios*. Tese de doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), 1998.
- . *Da amnésia à anamnese: linguagem e pedagogia da violência em centros urbanos brasileiros*. Relatórios de pós-doutoramento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 1998-2000.
- SLOTERDIJK, Peter. *El extrañamiento del mundo*. Valenís: Pre-Textos, 1998.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- WACQUANT, Lóïc. "Violence, corps et science: remarques transatlantiques" (entrevista), in *Prétentaine*, nº 5 ("Philosophie et postmodernité"), mai./1996.
- WIEVIORKA, Michel. "Violence, culture and democracy: a european perspective", in *Public Culture*, nº 8. Chicago: Chicago University Press, 1996.
- WITTNER, Laurette. "De l'image de violence à la violence de l'image", in *Les Annales de la Recherche Urbaine*, nº 54 ("Violence dans les villes"). Paris: Ministère de l'Équipement, du Logement et des Transports, mar./1992.